

Medidas comunistas: pensando em um horizonte comunista

Léon de Mattis

Link: <https://www.sicjournal.org/communist-measures-2/>

A comunização não é uma profecia. Não é a declaração de um futuro ou outro. A comunização nada mais é do que uma determinada perspectiva sobre as lutas de classe que estão ocorrendo no momento. A tarefa é conceber, a partir dessas lutas, mas indo além de seus limites e de suas contradições, o que uma revolução comunista poderia ser hoje.

Pensar em um horizonte comunista exige que partamos da relação de classe como ela é, ou seja, como foi transformada pelo período de reestruturação; e entender por que aquilo que no passado foi portador de uma visão comunista não pode hoje desempenhar o mesmo papel, em todo caso da mesma maneira¹.

Até o final da década de 70, o proletariado era visto como a classe dominada que, para levar o comunismo adiante, só precisava se tornar dominante. É claro que havia muitas maneiras de conceber isso, e essas várias concepções eram muitas vezes antagônicas umas às outras. Havia também abordagens que queriam romper com essa concepção dominante, ao mesmo tempo em que precisavam se posicionar em relação a ela². E, no final, essa maneira de ver as coisas não pôde ser superada, não porque as ideias da época estivessem universalmente equivocadas, mas simplesmente porque a realidade da época - a afirmação de um proletariado socialmente cada vez mais forte - era óbvia para todos.

¹ A capacidade de pensar em um horizonte comunista é uma das coisas que estão em jogo nas próprias lutas. Para se convencer disso, basta rever a história dos últimos trinta anos, um período durante o qual a questão do comunismo praticamente desapareceu do radar. Esse apagamento não foi uma coincidência; foi a consequência direta de uma derrota, da derrota da contestação que ocorreu nos anos 60 e 70.

² Ultimamente, tem havido alguma controvérsia sobre a questão da novidade ou não da teoria da comunização, na qual tem sido feito algum jogo com o fato de que o que é afirmado nessa teoria já pode ser encontrado aqui e ali em períodos anteriores. Mas a questão da novidade não pode ser colocada para cada afirmação considerada separadamente, mas apenas para a maneira pela qual esses elementos, talvez já pensados ou expressos há algum tempo, são colocados em relação uns com os outros e vinculados ao período contemporâneo.

Os debates que opuseram a revolução à reforma, o imediatismo do comunismo ao período de transição (que poderia preceder ou seguir a vitória do proletariado), todos pertencem a esse paradigma compartilhado. Mas é exatamente isso que está sendo questionado, dinamicamente, no momento atual³.

O desaparecimento de uma forte afirmação da classe e a erosão do movimento dos trabalhadores é o sintoma de uma grande virada na luta de classes. O pertencimento à classe não parece mais ser a base de uma identidade compartilhada ou de um possível poder, mas parece, ao contrário, ser um elemento estranho à vida de todos: a personificação hostil do poder dominante do capital⁴.

Certas teorias concluíram que a noção de luta de classes não funciona mais para caracterizar a revolta no mundo de hoje. A persistência das relações sociais capitalistas e de todas as suas determinações (valor, para começar) é, no entanto, o sinal de que as classes certamente não desapareceram. A teoria da comunização não abandona, portanto, a teoria das classes, mas a pensa na era do colapso do movimento operário. Para dar uma visão geral, poderíamos dizer que a comunização promove três ideias essenciais: primeiro, o imediatismo do comunismo (ou seja, a ausência de qualquer período de transição); segundo, o comunismo como meio e fim da luta; e, por último, a destruição da relação de classe e, portanto, do proletariado pelo próprio proletariado. É nesse último ponto que se deve colocar a ênfase para entender como a teoria da comunização vincula um elemento das atuais lutas de classe (o fim da afirmação do proletariado e o declínio da identidade dos trabalhadores) a uma concepção da revolução (a destruição da relação de classe pelo proletariado). Essa visão, que é um pouco paradoxal, no entanto, acaba sendo extremamente frutífera se quisermos buscar nas lutas atuais aquilo que, *a partir de agora*, pode ser o prenúncio da destruição das relações sociais capitalistas. A revolução é a destruição da relação de classe, que é imediatamente também a destruição do proletariado - o que significa dizer que a revolução é a atividade de um proletariado no curso de sua própria autoabolição. E já podemos observar, nas lutas de classe atuais, situações em que um proletariado que está se esforçando para defender sua condição é paradoxalmente levado a atacá-la. Dessa forma, a luta de classes aparece em sua ambiguidade fundamental, um reflexo de nada

³ "Dinamicamente" significa que a sobrevivência de alguns traços residuais, ainda não totalmente dissolvidos, do antigo movimento dos trabalhadores não é uma objeção séria à tese atual.

⁴ Para obter mais detalhes, consulte "O que é comunização? *Sic* no. 1, do qual este texto é uma continuação.

mais do que uma contradição interna às próprias formas sociais capitalistas: a luta de classes pode ser tanto a recapitulação das relações de classe quanto sua destruição. Portanto, é ligando essas duas ideias (que há aspectos da atual luta de classes que levam os trabalhadores a atacar sua própria condição; e a visão da revolução como ação proletária que consiste na autodestruição do proletariado) que a teoria da comunização propõe pensar o comunismo.

O papel da teoria não é revelar às lutas o que elas "são" em seus corações⁵. A questão não é tentar "elevar a consciência". Pensar a revolução e o comunismo não é uma fórmula mágica que transformaria as lutas atuais em algo que elas não são. A tarefa é gerenciar, vincular teoricamente as lutas atuais com a possível produção do comunismo, ao mesmo tempo em que se compreende que isso é algo que está em jogo nas lutas, e não uma questão apenas para o futuro. Sem o pensamento da revolução, o horizonte das lutas é necessariamente o do capital. No curso de uma luta de classes ambivalente, que é ao mesmo tempo a renovação e o questionamento da relação de classe, a ausência de um horizonte revolucionário obviamente contribui para o primeiro polo, para a renovação da relação de classe. Isso se reflete, na luta, na persistência de mediações que expressam essa renovação (hierarquias sindicais, a mídia, porta-vozes e negociações, entre outros) ou, quando essas mediações cederam diante da intensidade da luta, pelo seu ressurgimento decisivo no momento do *retorno à normalidade*.

A elaboração de uma teoria da revolução e do comunismo é, portanto, uma atividade realizada com base nas lutas e em prol dessas lutas. Obviamente, o sucesso de tal atividade não é garantido em nenhum grau. A generalização de uma teoria contemporânea da revolução - ou seja, sua existência além de um círculo restrito de teóricos e militantes - não ocorrerá a menos que seja suficientemente adequada ao que, dentro das lutas, possa expressar o colapso da relação de classe. Na medida em que essa teoria envolve uma tomada de posição em relação aos assuntos em questão, ela é necessariamente uma aposta. Uma aposta racional, uma vez que envolve a produção de uma certa compreensão das lutas pelas próprias lutas; mas, ainda assim, uma aposta.

⁵ A discussão neste texto frequentemente girará em torno de "lutas". Esse plural, que tem uma certa popularidade nos dias de hoje, é uma das coisas que mostra o fim do período de afirmação do proletariado. As lutas são tantos aspectos diferentes da luta de classes que hoje é necessário tentar compreendê-las em toda a sua heterogeneidade.

O comunismo como um processo, não como um mundo alternativo

O comunismo não é mais uma profecia do que a comunização. A possibilidade de falar sobre o comunismo está em jogo nas lutas atuais. É por isso que é indispensável buscar o que, dentro delas, poderia ser o prenúncio do comunismo - em vez de sonhar com um estado distante no futuro que a humanidade poderia um dia alcançar. Ou, dito de outra forma: o que é essencial para a reconstrução de um horizonte comunista é, acima de tudo, a descoberta das maneiras pelas quais o comunismo pode emergir da situação atual - em vez de descrever o que o comunismo pode ser como uma forma elaborada de organização⁶.

Mas falar de comunismo no presente não deve nos levar a um erro que tem uma certa aceitação hoje em dia, o de nos considerarmos capazes de encontrar, aqui e ali nos interstícios da sociedade do capital, um comunismo em gestação ou mesmo já parcialmente realizado. O comunismo não pode existir por si só no mundo atual, nem como uma escolha existencial ou política, nem como um modo de vida⁷.

Deve-se, portanto, pensar no comunismo no tempo presente, mas não como um estado atual das coisas. É isso que a teoria da comunização nos permite fazer. Na comunização, a produção do comunismo e o próprio comunismo andam juntos. A comunização é uma luta do comunismo contra o capital, ou seja, para ele o comunismo aparece simultaneamente como o meio e o fim. É por isso que uma visão da produção do comunismo é para ele, ao mesmo tempo, uma visão do próprio comunismo, mas um comunismo apreendido pelo prisma de sua produção. Não podemos responder à pergunta "o que é o comunismo?" descrevendo sua suposta forma completa, mas apenas evocando as formas em que ele poderia ser produzido.

⁶ Não vamos entrar na controvérsia sobre se o comunismo poderia ou não um dia ser descrito como "acabado" (mesmo que apenas relativamente) ou se ele nunca será nada além do processo de sua produção - pela simples razão de que nada disso muda nada. Por um lado, é inevitável concebermos o comunismo como um estágio a ser alcançado quando a destruição das relações sociais atuais se tornar definitiva; se não o fizéssemos, dificilmente teríamos como diferenciá-lo de uma escolha existencial dentro do capitalismo. Mas, por outro lado, na posição em que nos encontramos, não podemos falar do comunismo de outra forma que não seja como um processo. Não há dúvida de que há uma diferença essencial entre o período de produção do comunismo durante a luta contra o capital e o período em que o capitalismo foi destruído; mas não temos ferramentas teóricas para descrever o segundo período além de abstrações vagas.

⁷ A partir daí, segue-se a crítica ao alternativismo em geral. Ver "Reflections concerning the Call", *Meeting* no. 2, reproduzido em *Communization and its Discontents*, Ed. Benjamin Noys, Minor Compositions, Wivenhoe/New York/Port Watson.

Dito isso, a teoria da comunização encontra algumas dificuldades. Uma vez que o comunismo é o meio de comunização, é necessário que, de certa forma, ele seja acionado desde o início do processo; mas, ao mesmo tempo, estamos sustentando que a comunização é um processo no qual o comunismo é produzido no decorrer de um período que se desenvolve ao longo do tempo e que leva tempo.

Essa questão foi resolvida na concepção marxista tradicional pela noção de "período de transição". A forma social que deveria ser produzida no curso da revolução, e como seu resultado final, não seria diretamente o comunismo, mas um estágio intermediário, o socialismo. A comunização rompe com a noção de período de transição porque o comunismo é um meio para a própria luta. Portanto, para ela, o comunismo é necessariamente imediato, mesmo que permaneça apenas parcial.

A comunização, portanto, assume certas formas aparentemente paradoxais: simultaneamente imediata e estendida no tempo, simultaneamente total e parcial e assim por diante. Para ser capaz de pensar o comunismo, é necessário encontrar uma resposta para essas perguntas.

A noção de uma medida comunista

É nesse ponto que entra a noção de uma "medida comunista" - uma forma elementar da produção do comunismo.

A produção do comunismo nada mais é do que a multiplicação e a generalização das medidas comunistas tomadas neste ou naquele momento no curso do confronto com o capital; medidas cujo objetivo é precisamente fazer da promulgação do comunismo um meio de luta.

O comunismo pode não ser imediato, mas dentro da medida comunista ele parece ser assim. Dentro da medida comunista não há estágios. Lá, o comunismo já está em ação - mesmo que não possa ser considerado completamente realizado. A medida comunista faz com que a lacuna entre o imediatismo do comunismo e o tempo necessário para sua realização desapareça, sem, no mesmo momento, abolir a necessidade desse tempo. E essa concepção nos permite evitar pensar na própria comunização como um período intermediário entre o presente e um futuro comunista.

O termo "medida" não deve nos induzir ao erro⁸. Uma medida comunista não é uma prescrição, uma lei ou uma ordem. Ela não estabelece nenhuma regra à qual todos teriam de se submeter. Não decreta uma norma geral e impessoal. A medida comunista, por definição, implica desde o primeiro momento aqueles que a executam. E também não é uma declaração de intenções, ou, em todo caso, não poderia ser apenas isso. A medida comunista é um ato. Desfrutar do som de sua própria voz proclamando a abolição do valor, da classe social ou do capitalismo não é uma medida comunista. Compartilhar os recursos confiscados do inimigo ou produzir em comum tudo o que a luta contra o capital precisa - isso poderia ser.

Uma medida comunista é uma medida coletiva, realizada em uma situação específica com as formas e os meios que a medida comunista seleciona para si mesma. As formas de tomada de decisões coletivas que resultam em medidas comunistas variam de acordo com as medidas: algumas implicam um grande número de pessoas, outras muito menos; algumas supõem a existência de meios de coordenação, outras não; algumas são o resultado de longas discussões coletivas, de qualquer tipo (assembleias gerais, vários tipos de coletivos, discussões em grupos mais ou menos difusos), enquanto outras podem ser mais espontâneas... O que garante que a medida comunista não seja autoritária ou hierárquica é o seu conteúdo, e não o caráter formal da decisão que a originou.

A medida comunista é um exemplo da forma como a produção do comunismo é organizada. Não se trata de democracia direta ou auto-organização⁹.

Tal medida não tem necessariamente autores ou, em todo caso, autores identificáveis: as medidas comunistas que generalizam podem muito bem ter sido tomadas simultaneamente, aqui e ali, uma vez que são, simplesmente, soluções possíveis para um problema que se coloca em toda parte, ou seja, em geral. Sua origem, portanto, torna-se rapidamente impossível de localizar. Qualquer órgão que se arrogue o poder de

⁸ Em vez da expressão "medida comunista", poderíamos muito bem ter usado "iniciativa comunista".

⁹ Não há como determinar antecipadamente a maneira pela qual as medidas comunistas são tomadas. É por referência ao seu conteúdo como medida comunista que é possível garantir que não se trata de uma maneira pela qual uma dominação, uma hierarquia ou uma autoridade possam ser restabelecidas - e não pela aplicação de um ou outro formalismo democrático ao processo de tomada de decisão. E também não se trata de "auto-organização". A auto-organização é certamente, no momento atual, necessária para a existência de lutas quando elas se aventuram além dos tempos e formas apertados das lutas legalizadas e sindicalizadas. Mas a medida comunista é uma ruptura com a auto-organização, uma vez que tal medida envolve uma passagem para além das lutas parciais que precisam se organizar em torno de seu objetivo específico.

prescrever medidas comunistas para outros, por esse mesmo ato, nega instantaneamente a possibilidade de empreender uma medida comunista.

Uma medida comunista não é, por si só, comunismo. O comunismo não é alcançado por uma única medida, nem mesmo por uma única série de medidas. Mas, por outro lado, o comunismo nada mais é do que o efeito de um grande número de medidas comunistas - cujo início caracteriza o período de comunização - que se desdobram umas nas outras e que, por fim, conseguem dar à organização geral do mundo uma qualidade completamente diferente. Não há necessariamente qualquer tipo de continuidade; é perfeitamente razoável prever tanto avanços quanto recuos desordenados antes que se chegue a um ponto de inflexão, quando a ruptura se torna tão profunda que a sociedade de classes não possui mais os meios para se manter. O comunismo e a sociedade de classes são mutuamente exclusivos. Antes do ponto de inflexão, as medidas comunistas são, por sua essência, efêmeras: elas existem apenas dentro do espaço da luta e são extintas se não se generalizarem¹⁰. São simplesmente momentos em que a superação é possível, mas ainda não está assegurada. A produção do comunismo não é necessariamente uma história contada de uma só vez. Pode-se perfeitamente imaginar que um dia uma dinâmica comunizante se desencadeará, recompondo violentamente as medidas comunistas tomadas no curso de lutas particularmente radicais e prolongadas, e que, não obstante, essa dinâmica será derrotada. E que ela renascerá, mais tarde e em outro lugar, e terminará destruindo a sociedade de classes.

Generalização não significa uniformidade. Há muitas maneiras de uma medida comunista se estender. É claro que pode ser uma questão de se unir a uma ou outra iniciativa comunista existente (dedicada à produção em comum ou à coordenação...), assim como pode ser uma adoção, às vezes de forma adaptada, de medidas já postas em prática em outros lugares. Da mesma forma, a medida comunista pode facilmente se instalar em práticas, experiências e solidariedades que lhe são pré-existentes - ao mesmo tempo em que é uma ruptura criativa com essas heranças em virtude da potencialidade que a generalização da produção do comunismo pode trazer à existência¹¹.

¹⁰ A generalização das medidas comunistas corresponde, em primeiro lugar, à generalização das lutas nas quais elas nasceram e sem as quais não podem sobreviver.

¹¹ Essa potencialidade se expressa tanto na multiplicação das possibilidades materiais (com a destruição do Estado e a tomada das forças do capital) quanto na esfera das representações e do imaginário - todas elas, na prática, indivisíveis.

É importante entender o processo pelo qual uma medida comunista se generaliza. Se a medida comunista se generaliza, é porque, em uma determinada situação, ela corresponde ao que a situação exige e, portanto, é uma das formas (talvez não a única possível) que respondem às necessidades impostas pela situação (luta intensa contra o capital). O momento da comunização é uma situação de confronto caótico durante a qual os proletários tomam um número incalculável de iniciativas para poderem levar a cabo sua luta. Se algumas dessas iniciativas se estendem, é porque correspondem a uma necessidade que excede as diferentes configurações particulares do confronto em andamento. A escolha entre as medidas que generalizam e as outras ocorre sob o peso de uma relação social em vias de desmoronar sob os golpes de suas próprias contradições. E é somente nesse nível, o nível da generalização, que se pode falar de medidas "impostas pelas próprias necessidades da luta"¹², ou, de fato, da revolução como "necessidade imediata em uma dada situação" empreendida por proletários "constrangidos por suas condições materiais"¹³. É nesse aspecto que a teoria da comunização não é determinista e nos permite entender a produção do comunismo como uma atividade¹⁴.

Medidas comunistas e a produção do comunismo

A medida comunista é o aspecto positivo de um comunismo que, teoricamente, só conseguimos entender de forma negativa. O comunismo é a aniquilação de todas as formas de dominação e exploração existentes atualmente. O comunismo se define como uma série de abolições: abolição do valor, das classes, das dominações de gênero e raça e assim por diante. Dito de outra forma, se é verdade que nossas tentativas de descrever o comunismo se restringem a definições fracas (sabemos o que o comunismo abole, mas não sabemos com o que ele se assemelhará concretamente), temos, no entanto, uma visão positiva de sua produção: a medida comunista.

O caráter comunista de uma medida deriva de sua capacidade de reforçar a luta contra o capital, ao mesmo tempo em que é a expressão de sua negação. É, portanto, uma forma

¹² *Sic* no. 1, Editorial.

¹³ 'Crisis and communisation', Peter Åström, *Sic* no. 1. Na produção da primeira edição da *Sic*, houve um debate sobre o fato de o artigo de Åström empregar ou não fórmulas muito deterministas. É possível encontrar vestígios desse debate nas páginas 38 e 39 da revista.

¹⁴ Esse funcionamento não é específico do período de comunização. Todas as formas generalizadas de atividade social, ou seja, todas aquelas que atravessam o corpo social, operam da mesma maneira - em contraste com a atividade centralizadora e unificadora das estruturas hierárquicas ou estatais. As práticas das lutas contemporâneas já podem, dessa forma, se estender e se generalizar, em sua própria extensão.

definida e concreta de colocar em ação a superação da troca, do dinheiro, do valor, do Estado, da hierarquia e das distinções de raça, classe e gênero - e assim por diante. Essa lista não é apresentada em nenhuma ordem específica de prioridade devido à capacidade singular de uma medida comunista de atacar tudo o que compõe as relações sociais capitalistas. Sabemos que o comunismo é a superação da troca, do valor e do dinheiro; mas não sabemos como um mundo sem troca, valor ou dinheiro poderia funcionar. Sabemos que o comunismo é a abolição das classes, mas não sabemos como um universalismo sem classes poderia funcionar. Uma medida comunista não responde a essas questões de forma abrangente ou global, mas tenta respondê-las onde elas se desenvolvem e na estrutura da necessidade de luta.

Graças à medida comunista, entendemos que o comunismo não é algo tão estranho para nós. O comunismo se baseia, de forma muito significativa, em coisas muito simples, muitas das quais já podem existir: compartilhamento, cooperação, ausência de papéis e funções socialmente distribuídos e relações sociais imediatas e diretas, por exemplo. Entretanto, algo que existe em uma base secundária não tem o mesmo significado, qualitativamente falando, do que aquilo que existe em sua generalidade (pensemos, por exemplo, no valor e na maneira como sua natureza foi alterada pelo surgimento do modo de produção capitalista). É por isso que o conceito de generalização é essencial. Nenhum conteúdo é comunista em si mesmo (mesmo que, por outro lado, alguns possam muito bem ser anticomunistas em si mesmos). A mesma medida pode ser ou não ser comunista, de acordo com seu contexto: ela não é comunista se permanecer isolada, mas se torna comunista se for generalizada. É por essa razão que é necessário entender que uma medida comunista isolada não é uma medida comunista, mesmo que seja verdade que nenhuma medida comunista é capaz de romper sozinha o seu isolamento; isso não pode ocorrer a não ser pela promulgação de *outras* medidas comunistas por *outros* coletivos.

A generalização não pode, de forma alguma, ser a única garantia do caráter comunista de uma medida. Uma medida que não se generaliza de uma forma ou de outra, ou que, de qualquer forma, não se relaciona com outras medidas em andamento, não pode ser comunista. Mas, ao mesmo tempo, é perfeitamente possível que medidas que não sejam comunistas de forma alguma se generalizem. Obviamente, deve-se excluir aqui tudo o que é uma iniciativa do inimigo capitalista, na forma de leis, prescrições, ordens ou

controle coercitivo do Estado. Mas, do lado da própria revolução, as várias contradições, que resultam da complexa segmentação do proletariado (a unidade criada na luta é sempre problemática e nunca pode ser tomada como certa) e do cenário frequentemente confuso e contraditório de qualquer luta em particular, podem engendrar dinâmicas contrarrevolucionárias que têm, no entanto, a forma da revolução, ou seja, a forma de medidas que generalizam¹⁵. Repetindo: nenhuma medida comunista é comunista em si mesma, e o caráter comunista de uma medida deriva apenas de sua relação geral com a luta da qual ela faz parte. Algumas medidas mantiveram por muito tempo, durante o processo caótico e não normativo da insurreição, um caráter ambíguo. Da mesma forma, outras que podem ter sido comunistas em um determinado momento podem muito bem se tornar contrarrevolucionárias em resposta ao aprofundamento de certas problemáticas que surgem em proporção à desintegração da relação social capitalista. É assim que a *revolução dentro da revolução* pode se revelar: por meio do combate aberto entre medidas que são comunistas e aquelas que não são mais.

As medidas comunistas e a insurreição não podem ser separadas. As medidas comunistas são absolutamente opostas a tudo o que, dentro da luta de classes, permite a integração do proletariado como uma classe pertencente ao capital. Essas medidas rompem com a legalidade, com as instituições mediadoras e com as formas habituais e admissíveis de conflito. Você pode contar com o Estado para reagir com a violência e a crueldade que lhe são habituais. As medidas comunistas são um confronto com as forças de repressão e, também nesse caso, a vitória só pode ser conquistada por uma dinâmica de rápida generalização.

Portanto, há necessariamente um ponto limite com a generalização das medidas comunistas, um ponto de inflexão rapidamente alcançado no qual o objetivo da luta não pode mais ser a melhoria ou a preservação de uma determinada condição dentro do capital, mas deve se tornar a destruição de todo o mundo capitalista - que se torna nesse momento, definitivamente, o inimigo¹⁶. Desse ponto em diante, entre todas as coisas

¹⁵ Para uma apresentação inquieta e atormentada dessas contradições do lado da revolução, consulte os artigos de Bernard Lyon (*Meeting and Sic* nº 1).

¹⁶ Como vimos desde o início deste artigo, a luta de classes é ambivalente. Ela é simultaneamente uma luta dentro do capitalismo e uma luta que anuncia sua destruição, uma luta pela defesa de uma determinada posição dentro do capitalismo e uma luta contra essa condição. O proletariado, em sua luta, oscila entre sua integração e sua desintegração. A medida comunista se desenvolve em direção a uma ruptura com essa ambivalência e faz da luta do proletariado uma luta contra o capital como um sistema; uma luta no curso da qual o proletariado se dissolve pouco a pouco. Mas é somente quando a comunização já se tornou algo evidente que essa dissolução pode se tornar óbvia. Não é possível

que são necessárias para a produção do comunismo, há o confronto com as forças do Estado comprometidas com a defesa do velho mundo - e depois a destruição total de todas as estruturas estatais.

Medidas e atividades comunistas

Ninguém constrói conscientemente o comunismo em sua totalidade. Mas as medidas comunistas não são tomadas inconscientemente: a escolha de recorrer a elas em uma luta envolve necessariamente a consciência de que elas contribuem para a destruição das relações sociais capitalistas e de que essa destruição será um dos objetivos da luta. É claro que não há separação entre as necessidades da luta e a construção do comunismo. O comunismo é realizado por ocasião da luta e dentro de seu contexto. Mas a escolha de uma medida comunista, considerada isoladamente, não se impõe porque a luta não deixou outro caminho a não ser empreendê-la: o comunismo não é o que sobra quando não se pode fazer mais nada.

O comunismo é produzido: isso significa que ele não é o efeito de um puro ato de vontade, nem a mera consequência de circunstâncias que tornam impossível qualquer outro resultado. Toda medida comunista é o efeito de uma vontade particular. Essa vontade não precisa, de forma alguma, tomar como objeto a criação do comunismo em seu sentido mais geral, mas apenas em seu aspecto imediato, local e útil para a luta. Portanto, a adoção universal da ideia comunista como uma espécie de princípio geral e abstrato a ser realizado não é uma pré-condição necessária para a produção concreta do comunismo. Por outro lado, a atividade social da produção do comunismo tem sua própria consciência; isso quer dizer que, em um período de comunização, quando as medidas comunistas estão se ligando e se generalizando, o padrão geral do que está sendo estabelecido torna-se óbvio para todos.

Existem, é claro, "condições" para a produção do comunismo. Há uma luta, que é a luta de classes, que expressa tanto o colapso da relação de classe capitalista quanto a possibilidade de sua regeneração. Ao mesmo tempo, incluída na negação das formas sociais fundamentais do capital (uma negação que essas mesmas formas colocam incessantemente em jogo), está a visão da possibilidade de sua própria superação. A

realmente falar de luta anticapitalista ou revolucionária, exceto a partir do momento em que o comunismo começa a ser produzido positivamente.

atividade de produção do comunismo deve, no entanto, entender a si mesma como uma atividade, ou seja, como algo que não é induzido mecanicamente por suas condições. Não há necessidade dentro da luta que impõe a produção do comunismo, não deixando outra opção.

O que torna possível a efetivação do comunismo é a atividade. No nível de uma única medida comunista, essa atividade é necessariamente encontrada como vontade, consciência, projeto (vontade *coletiva*, é claro). Mas a generalização das medidas comunistas excede toda a vontade, porque mesmo que cada medida tomada individualmente seja uma ação, o conjunto geral de medidas comunistas está além do alcance da vontade daqueles que as empreendem. Quanto mais a atividade se intensificar, e quanto mais ela consistir na produção de medidas diversas e multivalentes, maior será a probabilidade de que essas medidas atendam às necessidades da produção global do comunismo.

Além disso, como essa atividade é realmente uma atividade, ela altera as condições em que se desenvolve. Ou seja: quanto mais o comunismo é produzido, mais ele aumenta o potencial de sua própria produção. Isso é tudo o que se quer dizer com o conceito de uma dinâmica comunizante. As primeiras medidas comunistas que se generalizam demonstram, por meio de sua própria generalização, que podem ser meios de luta; mas, ao mesmo tempo, abrem possíveis caminhos para a superação da especificidade e das restrições da própria luta. As medidas que empreendem o compartilhamento de recursos apreendidos do inimigo abrem caminho para medidas que empreendem a satisfação das necessidades por meios comunistas¹⁷. As medidas que envolvem a cooperação local abrem caminho para a cooperação em uma escala maior.

Isso indica a grande importância estratégica das primeiras medidas comunistas¹⁸. Se elas conseguirem dar uma resposta adequada e rápida aos problemas que surgem em uma luta particular e se, por essa razão, forem capazes de se generalizar, então pode ser desencadeada uma dinâmica que faz de sua expansão o motor de sua expansão cada vez maior. O papel da teoria comunista, que se dedica não a legislar o que deve ser feito,

¹⁷ Necessidades transformadas pela luta em andamento.

¹⁸ "Estratégico" não deve ser entendido como se houvesse uma estratégia para a extensão e a generalização das medidas comunistas; tal estratégia não poderia existir. "Estratégico" significa aqui que as primeiras medidas devem ser tão adequadas quanto possível a uma determinada situação, sendo ao mesmo tempo um exemplo concreto do uso do comunismo como meio de luta.

mas a tornar possível nomear o que foi feito (ou seja, o empreendimento de medidas comunistas) é, portanto, considerável.

O grande erro seria imaginar qualquer tipo de modo de luta como uma "medida comunista". As medidas comunistas pressupõem, indiscutivelmente, uma profundidade e uma extensão da luta de classes além da extensão ordinária alcançada pela série comum de lutas. Portanto, as medidas comunistas só recebem seu significado dentro da estrutura de uma dinâmica de comunização que as leva rapidamente para além de seus tímidos começos.

Por definição, é impossível construir um modelo para a medida comunista. No entanto, é possível oferecer algumas hipóteses, desde que se compreenda adequadamente sua função. O objetivo não é realizar uma profecia, mas esclarecer nossa atual compreensão teórica do comunismo. As hipóteses relativas às medidas comunistas derivam diretamente da maneira pela qual a época atual nos permite conceber o comunismo. Todas as concepções desse tipo são, assim como a era que lhes deu origem, eminentemente mortais e destinadas a serem superadas.

Portanto, provavelmente são comunistas as medidas tomadas, aqui ou ali, a fim de se apoderar de meios que podem ser usados para satisfazer as necessidades imediatas de uma luta. Provável que sejam comunistas também são as medidas que participam da insurreição sem reproduzir as formas, os esquemas do inimigo. Provavelmente comunistas são as medidas que visam evitar a reprodução, na luta, das divisões dentro do proletariado que resultam de sua atual atomização. É provável que sejam comunistas as medidas que tentam eliminar as dominações de gênero e de raça. É provável que sejam comunistas as medidas que visam à coordenação sem hierarquia. Provavelmente são comunistas as medidas que tendem a se despir de si mesmas, de uma forma ou de outra, de toda ideologia que possa levar ao restabelecimento de classes. Provavelmente são comunistas as medidas que erradicam todas as tendências de recriação de comunidades que tratam uns aos outros como estranhos ou inimigos.